

FRANÇA, Aniela Improta; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. **A Linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2016. 224 p.

Sabe-se que a Linguística ganhou reconhecimento e destaque a partir do suíço Ferdinand de Saussure e de seu *Cours de Linguistique Générale*, obra seminal publicada postumamente em 1916. Ciência interdisciplinar por excelência, a Linguística vem crescendo exponencialmente, compreendendo uma miríade de descobertas e pesquisas, fato que sublinha sua importância não só para os estudiosos da área de Letras, mas também para outros campos, como a Psicologia, a Fonoaudiologia e as Neurociências.

A cognição, entre outros temas, encontra seu lugar na Linguística, destacando-se, em especial, pelos debates e pesquisas incessantes acerca da capacidade da linguagem no homem. Perguntas que fomentam tais discussões incluem: como nós, seres humanos, somos capazes de aprender uma ou mais de uma língua natural? Existe algo inscrito no cérebro que viabiliza isso? Será que a aquisição da língua materna nunca cessa? Nascemos desprovidos de qualquer tipo de conhecimento, sendo comparados a uma tábula rasa, conforme prevê Skinner (1974)?

Para essas e outras perguntas, podem-se encontrar diferentes explicações, segundo a postura teórica adotada. Por outro lado, muitos questionamentos podem ter respostas unânimes, comungadas por mais de uma vertente linguística.

Nesse sentido, com o intuito de elucidar, ratificar e discutir pontos tocantes à cognição humana, Aniela Improta França, Lilian Ferrari e Marcus Maia apresentam à comunidade acadêmica o livro *A Linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem*, lançado recentemente pela Editora Contexto. Os autores, cuja produção acadêmica transpassa as fronteiras do nosso país, são professores do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pela UFRJ.

Federal do Rio de Janeiro e provêm de diferentes – e opostas – vertentes da ciência da linguagem: a Linguística Gerativa e a Linguística Cognitiva. Ao primeiro campo, associam-se Aniela Improta França e Marcus Maia, ambos organizadores de *Papers in Psycholinguistics* (Imprinta, 2010), e autores de dezenas de artigos e capítulos de livros, escritos individualmente ou em parceria. Entre os livros de Marcus Maia, estão *Psicolinguística, psicolinguísticas* (Contexto, 2015), do qual foi organizador, e *Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem* (Ministério da Educação e Cultura, 2007), de sua autoria. Lilian Ferrari, por sua vez, é referência no Brasil em Linguística Cognitiva. Além de artigos e capítulos de livros publicados no Brasil e no exterior, é autora de *Introdução à Linguística Cognitiva* (Contexto, 2011), organizadora de *Espaços Mentais e Construções Gramaticais: do uso linguístico à tecnologia* (Imprinta, 2009) e, também, de *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem* (Brasil multicultural, no prelo).

Dessa forma, três linguistas importantes oriundos de recortes teóricos distintos coadunam seus saberes em uma obra que situa o leitor sobre as questões mais relevantes que fomentam o debate interdisciplinar concernente à linguagem humana. Ressaltam-se os pontos consensuais entre as diversas abordagens linguísticas presentes e, de maneira “corajosa” – como destacam os próprios autores –, apontam-se as divergências entre elas, através de uma escrita clara e didática.

O livro divide-se em duas partes. Na primeira, o leitor tem a oportunidade de rever e consolidar os pontos convergentes a respeito do estudo da linguagem, distribuídos em três capítulos: 1) *O que é linguística?*; 2) *Métodos de investigação linguística* e 3) *Pontos em comum e variação*. Os capítulos de 4 a 6 compõem a segunda parte, mostrando os temas formadores de divergência. A tríade é assim nomeada: 4) *O debate Nature x Nurture*; 5) *Forma x função* e 6) *Serialidade x redes*. Cada um dos seis capítulos conta com um texto principal em que ideias elementares são introduzidas de forma panorâmica e, de modo a aprofundá-las, seguem-se dois textos de apoio. Ao final de cada capítulo, os autores oferecem projetos com temas práticos cujo desenvolvimento fica a cargo dos próprios leitores. Com isso, o estudante tem a oportunidade de estimular seu espírito empreendedor para a pesquisa e, inevitavelmente, alavancar seu nível de conhecimento, contribuindo para sua formação em Linguística.

Ao se cotejar os seres humanos com os outros animais, percebe-se de imediato uma diferença fundamental: a existência, em nossa espécie, de uma faculdade responsável pelo desenvolvimento de uma linguagem natural, fato que nos define como *homo sapiens*. Essa capacidade do ser humano delinea o campo da Linguística, mas entender claramente o objeto de estudo da área não é tão fácil assim, conforme os autores destacam no texto principal que abre o capítulo 1:

A tarefa de apresentar o vasto território da Linguística àqueles que se iniciam no assunto requer cautela e detalhe para se conseguir dialogar produtivamente com as diferentes angulações sobre a natureza cognitiva e social da linguagem. Ao mesmo tempo, é preciso delimitar as especificidades do tipo de investigação a que a área se propõe. O principiante pode intuir, em função do próprio rótulo *Linguística*, que se trata de matéria vinculada somente ao estudo de línguas. Porém, de fato, não estará totalmente certo ao fazê-lo. (p. 15)

*O que é Linguística?* discute a configuração da área em contraste com outros estudos sobre a linguagem, salientando que a essa ciência cabe estudar, principalmente, a *faculdade da linguagem*. O capítulo volta-se, assim, à apresentação dos elementos que nos definem em detrimento das outras espécies, à descrição da similaridade estrutural das línguas e à corroboração de que a variação é inerente a todas as línguas do mundo, por causa dos vários fatores que envolvem seu uso.

O segundo capítulo, *Métodos de investigação linguística*, visa à superação do famoso *Paradoxo do Observador*, segundo o qual a presença do observador na situação observada acaba por interferir em sua natureza. Conforme é salientado ao longo do capítulo, inexistem métodos absolutos, pois cada um deles possui suas limitações. Assim, os autores avaliam os principais *modi operandi* da Linguística, tomando como ponto de partida três métodos de Wallace Chafe, focalizados detalhadamente no primeiro texto: o método etnográfico, o de julgamento intuitivo e o experimental. O texto de apoio 1 trata de dois métodos experimentais que vêm conquistando espaço nas recentes pesquisas linguísticas: o rastreamento ocular (*eyetracking*) e a eletroencefalografia; já o texto de apoio 2 explora o conceito de *túneis da mente*, partindo do biólogo e linguista Massimo Piatelli-Palmarini, o que é bem interessante,

pois nos ajuda a perceber certas falácias argumentativas que, muitas vezes, passam-nos despercebidas.

O último capítulo acerca das convergências no estudo da linguagem, *Pontos em comum e variação*, pormenoriza aspectos referentes à estrutura das línguas, destacando que todos os seus níveis são altamente complexos e regidos por regras. No texto principal, os autores remontam ao surgimento da Sociolinguística, desde os trabalhos de William Labov, e mostram, por meio de pesquisas subsequentes, como as de Joseph Greenberg, que a variação se manifesta para além da fonologia, compreendendo, igualmente, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Nesse sentido, a variação é apresentada de modo amplo sob uma ótica intralinguística e interlinguística. No primeiro texto de apoio, o leitor tem a oportunidade de (re)visitar algumas mudanças diacrônicas e sincrônicas nas línguas, com foco no português; no segundo, a discussão sobre o curso temporal de acesso às informações linguísticas na compreensão da linguagem é retomada, corroborando sua importância para pesquisa pelas diversas vertentes linguísticas.

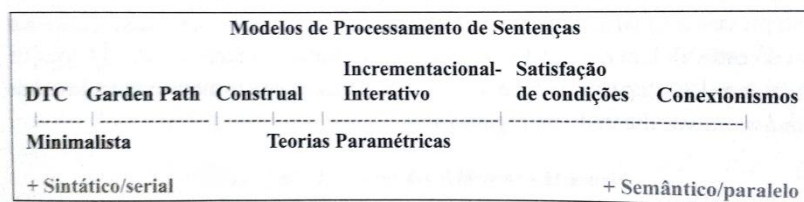
Afinal, tudo o que somos, vivemos e fazemos provém de alguma atuação genética inata, determinada por natureza, a qual nos molda *de dentro para fora*, ou decorre do nosso contato sociocultural com o ambiente, que nos “nutre” com tudo o que é necessário, contribuindo para nossa evolução e, portanto, determinando-nos *de fora para dentro*? Em outras palavras, o que nos define como seres humanos é *Nature* ou *Nurture*? Esta dicotomia, foco do capítulo 4, traz um debate entre as duas visões, possibilitando ao leitor refletir, analisar e definir-se quanto a uma das propostas – ou compactuar com as duas, em certo grau. Quais seriam os limites entre *Nature* e *Nurture*? Um diálogo entre ambas as visões seria possível? As abordagens podem ser consideradas complementares ou não? O capítulo é um convite a essas reflexões.

O debate *Forma x Função*, escopo do capítulo seguinte, é nuclear em Linguística e aponta uma divergência essencial que separa os linguistas em duas orientações teóricas contrastantes: a formalista e a funcionalista. Sabemos que, para os formalistas, é possível analisar e caracterizar as estruturas linguísticas independentemente dos contextos semântico e pragmático em que estão inseridas. A forma, pois, é o mais importante. De modo diverso, a semântica e a pragmática são, para

os funcionalistas, primordiais, pois, sem elas, não é possível que se constitua uma gramática, que é moldada a partir do discurso. Nesse sentido, nos textos de apoio 1 e 2, os autores enfocam tais visões dicotômicas com bastante detalhe, através de exemplos diversos, dando ao leitor o ensejo da reflexão a respeito de dois temas tão divergentes e cuja discussão é, ao mesmo tempo, de suma importância para os estudos da linguagem.

Dentro da Linguística, existe um grupo de pesquisadores que possuem uma visão serial das computações cerebrais, segundo a qual o *output* de uma computação funciona como *input* para outra, sendo essa representação de natureza puramente simbólica. De modo distinto, outro grupo acredita que a cognição linguística trabalha por meio de redes que se articulam o tempo todo através de uma multiativação nelas presente. Assim, tais divergências são o foco do último capítulo, *Serialidade x Redes*, dicotomia complexa que originou a criação de inúmeros modelos fundamentais para a descrição linguística, como os modelos de Processamento de Sentenças. O texto principal enfoca tais modelos, dispostos inicialmente em um *continuum*, visto a seguir e, depois particularizados em subseções. Os dois textos de apoio explanam e desenvolvem a dicotomia que intitula o capítulo.

*Continuum dos modelos de Processamento de Sentenças (p. 180)*



*A Linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem* não é mais um manual de Linguística. Sua singularidade está na escolha de uma abordagem que, muito provavelmente, ainda não tenha sido pensada: seis temas centrais e atuais na linguística moderna são revistos e discutidos, perpassando marcos históricos, com as atenções voltadas para as confluências e discordâncias que denotam. Assim, o estudante tem a oportunidade de refletir sobre, aprofundar e amadurecer seus conhecimentos acerca desse vasto campo de pesquisa que a Linguística se tornou nos dias de hoje. O livro é recomendado não só para estudantes e pesquisadores da área de



Letras, mas também para todas as áreas que desejam compreender de maneira mais aprofundada os temas que circundam a linguagem e a neurocognição.

*Recebido em: 18 de setembro de 2016.*

*Aprovado em: 8 novembro de 2016.*